

A importância do planejamento no processo educativo

Anakeila de Barros Stauffer

Já discutimos sobre as concepções pedagógicas que embasam a nossa prática educativa. Juntos, buscamos entender que as concepções educativas contemplam a visão de mundo, o entendimento sobre qual nosso papel como educador/a, entre outras questões.



Neste processo, pudemos conhecer, através do capítulo, “Diferentes maneiras de compreender a ação educativa”, algumas características sobre a pedagogia tradicional, a pedagogia tecnicista, a pedagogia problematizadora e a politecnia. Aprofundamos também a nossa compreensão sobre os desafios de construirmos práticas educativas críticas.



Paulo Freire (1993) nos ensinou que a prática educativa é uma prática social e, por isso, tem sua riqueza, sua complexidade como todo fenômeno humano. A prática educativa só acontece no meio dos seres humanos. E é por sermos seres humanos que criamos, que nos inventamos, que encontramos soluções para nossos problemas e criamos outros problemas para resolvermos.

Como constatamos no trabalho diário do agente comunitário de saúde, assumir a tarefa de ser educador/a não é simplesmente transmitir informações, entendendo-se como dono de todo o saber. Muitas vezes, nosso papel, ao invés de dar respostas, é conseguir ajudar a formular perguntas, levando o grupo a realizar suas próprias análises, a partir da troca dos saberes fomentada com as pessoas ao nosso redor. Ajudar um grupo de pessoas a debater, discutir, instigar os indivíduos a refletirem sobre suas situações diárias, suas dificuldades e possibilidades não é uma atividade fácil.

Essa é uma das atribuições que um/a educador/a em saúde exerce em sua prática diária e, para tanto, é importante que planeje suas ações educativas.



Planejar é uma forma de estruturar sua ação no mundo. Compreendemos que se desejamos transformar o mundo em que vivemos, precisamos contribuir para que os indivíduos construam sua autonomia, auxiliando-os em sua organização para que possam conhecer, analisar, definir, decidir, agir, enfim, solucionar seus problemas.

Mas nem sempre entendemos o papel do/a educador/a dessa forma, ou até mesmo, se compreendemos, não conseguimos agir de forma a alcançarmos a prática desejada.



Ô que podemos fazer para sermos educadores/as em saúde? Ô que precisamos saber? Como devemos atuar? Como podemos avaliar nossa atuação?

Estas perguntas podem nos ajudar a pensar no planejamento de nossas ações – sobretudo as educativas. Tudo que fazemos na vida – ou quase tudo – é fruto de algum tipo de planejamento. Sabemos que não é tarefa fácil, mas é necessária... muitas vezes, temos vários caminhos que podemos tomar, mas um guarda maior coerência com o que pensamos sobre a vida, sobre nosso entendimento a respeito da saúde e da educação em saúde, sobre o que é possível realizar em determinado momento histórico. Observe a ilustração a seguir:



Então, o que é planejar?

Segundo Gandin (1995), planejar é definir o que queremos alcançar; verificar a distância entre o real e o ideal e decidir o que podemos fazer para encurtar essa distância entre estes dois polos. Desta forma, temos que conhecer a nossa realidade, a realidade dos/as educandos/as com quem vamos trabalhar, saber que objetivos queremos alcançar, programar como fazê-lo e avaliar se alcançamos o nosso intento.

O planejamento, dessa forma, está relacionado à vida, à nossa história, não é algo desvinculado do cotidiano. Assim, ao pensarmos num trabalho educativo em saúde, devemos nos fazer as seguintes perguntas:

• **O que queremos fazer?**

Isto é, que temas pretendemos abordar?

• **Por que queremos fazer?**

Em outras palavras, quais são nossos objetivos?

• **Como queremos fazer?**

Isto é, que métodos de ensino usaremos para alcançar nossos objetivos?

• **Como iremos avaliar o trabalho educativo realizado?**

Devemos ter em mente, assim, quais são os nossos objetivos, quem é o público com que vamos interagir em nossa ação educativa, que métodos de ensino vamos empregar – enfim, pensar o passo a passo, as estratégias que empregaremos para alcançar nossos objetivos.

Mas por que fazemos estas perguntas e tentamos respondê-las? Para que o planejamento esteja contextualizado na vida cotidiana da população com a qual trabalhamos, partindo de seus conhecimentos, de suas problemáticas sociocultural, econômica e política.

Com esta perspectiva, estamos trazendo para a discussão o conceito de saúde como algo contextualizado: a saúde como resultante das condições de educação, moradia, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra, acesso aos serviços de saúde, como foi indicado no Relatório da VIII Conferência Nacional de Saúde (BRASIL, 1986).



Também é importante, ao pensarmos nossas práticas educativas, trazer o grupo para que pense junto as questões importantes de sua vida. Como diz Paulo Freire (1987, p. 39), “... ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Como educadores/as em saúde, os/as ACSs têm a preocupação de contribuir para a modificação da situação de vida das pessoas, sempre buscando as possibilidades para que as pessoas tenham ‘mais saúde’. Assim, a atuação e a reflexão que os/as ACSs fazem com comunidade devem se voltar para as questões sociais que são enfrentadas em cada território. Para atuar como um/a educador/a, é necessário que os/as ACSs planejem suas atividades. A atividade de planejar, assim como a educação de forma mais abrangente, não é uma atividade neutra. Como Paulo Freire nos ensinou, a educação pode servir tanto à domesticação, como à transformação. Portanto, nossa atuação não é só uma atuação técnica, a suposta ‘transmissão perfeita’ de informações, mas antes de tudo, é uma ação política.

No livro intitulado *Ação cultural para a liberdade* (1982), Paulo Freire chama nossa atenção para a responsabilidade que temos ao sermos trabalhadores/educadores sociais. Ele diz que este tipo de trabalhador não pode ser frio e neutro, pois quando está desenvolvendo sua prática, na verdade, está atuando politicamente. De acordo com nossa concepção política, nossa prática se diferenciará.

...no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber pela estrutura em que se encontram, sua percepção começa a mudar, embora isto ainda não signifique a mudança da estrutura. É algo importante perceber que a realidade social é transformável; que feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada: que não é algo intocável, um fardo, uma sina, diante de que só houvesse um caminho: a acomodação a ela. É algo importante que a percepção ingênua da realidade vá cedendo seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se; que o fatalismo vá sendo substituído por uma crítica esperança que pode mover os indivíduos a uma cada vez mais concreta ação em favor da mudança radical da sociedade. (FREIRE, 1982, p. 39-40)

Paulo Freire (1993) chama nossa atenção dizendo-nos que para sermos educadores/as progressistas, devemos levar em consideração:



1. O saber que o educando traz de sua experiência de vida. Contudo, o educador não pode parar aí sem socializar os conhecimentos que têm, sem, juntos, irem desvelando a realidade em que educador e educando se encontram.

2. Que o educando não é objeto da prática educativa, mas um dos sujeitos. Ele não é só um depósito de conteúdos, em que o educador deposita os pacotes de conhecimentos.

3. Que o educador democrático tem o dever de ensinar, contudo ensinar e aprender são momentos do processo maior de conhecer, envolvendo busca coletiva, curiosidade, erros e acertos, equívocos, rigidez, serenidade, prazer e alegria.

4. Que o educador democrático não pode assumir posições intolerantes nas quais é impossível a convivência com os diferentes. Também não pode abusar de sua autoridade, sufocando os educandos.

5. Que o educador democrático precisa favorecer e potencializar a participação dos educandos, pois é através dessa ação coletiva, consciente de sua ação política, que poderemos, passo a passo, alcançar a emancipação humana.

Tendo esses princípios em mente, podemos retornar ao tema do planejamento lembrando que, ao planejar nossa ação educativa, não estamos atuando de forma neutra, mas política. Assim, ao pensarmos em planejar nossas ações educativas junto com a comunidade, seria interessante continuar a pensar junto com Paulo Freire (1993), quando este nos explica que toda situação educativa implica em:

1. Presença de sujeitos: “O sujeito que, ensinando, aprende e o sujeito que, aprendendo, ensina” (p. 68). Portanto, educador/a e educando/a.

2. Objetos de conhecimento: a serem abordados pelo/a educador/a com os/as educandos/as. Podem ser compreendidos como conteúdos, temas, problemas.

3. Objetivos: mediatos e imediatos a que se destina ou que orienta a prática educativa.



4. Métodos, processos, técnicas de ensino, materiais didáticos:

coerentes com os objetivos, com a opção política, com a utopia de que o projeto pedagógico deve estar impregnado.

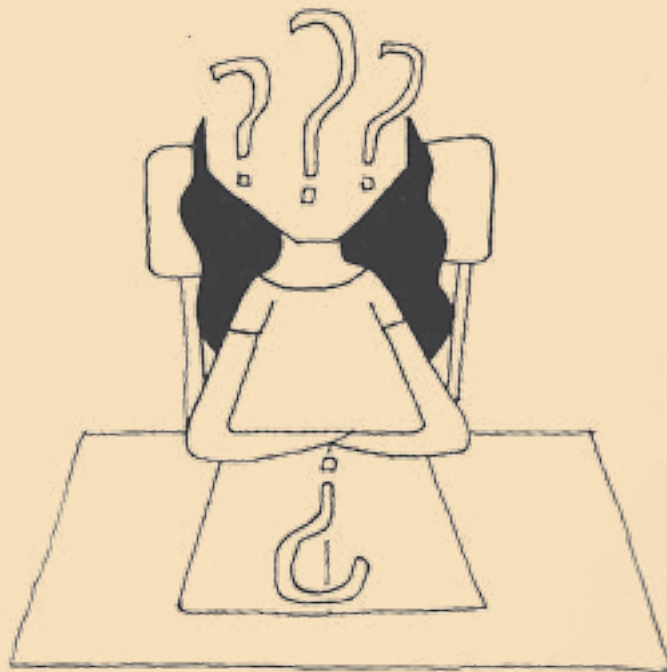
Complementando a ideia de Paulo Freire, diríamos que também é importante avaliarmos o processo educativo. Mas o que significa isso? O que queremos dizer é que se faz necessário a comunidade avaliar este processo educativo com todos os sujeitos envolvidos, pois esta avaliação poderá cumprir duas funções:

1. Auxilia ao/à agente comunitário de saúde a entender os resultados, as consequências e impactos de sua prática educativa.

2. Auxilia ao/à agente comunitário de saúde a observar se o que planejou responde aos anseios e às necessidades de saúde daquela comunidade e, assim, ajuda a perceber se é preciso mudar o rumo...

Como assim?

Às vezes, com base na discussão coletiva, outras questões vão sendo levantadas, outros interesses surgem. Diante deste momento,



temos que repensar o planejamento, ter o tal ‘jogo de cintura’. Esta consideração, este olhar cuidadoso e curioso, vai fazendo com que a comunidade se sinta ouvida, perceba que suas necessidades, suas palavras, suas perguntas estão sendo acolhidas.

Resumindo: Cada vez que desenvolvemos um trabalho educativo com a comunidade, seria interessante pensarmos nestas etapas:

- Decidir tema a ser discutido
(O que queremos fazer?);
- Estabelecer os objetivos
(Por que queremos fazer?);
- Estabelecer os métodos de ensino
(Como queremos fazer?);
- Ouvir a comunidade e debater sobre o que foi realizado
(Avaliar para...)

Estas etapas nos auxiliarão no processo de tomada de consciência de nosso trabalho, revelando-nos o quanto nossa atividade é intelectual. Intelectual aqui no sentido colocado pelo filósofo italiano Gramsci (2004) que diz que todos os seres humanos são intelectuais, pois nem mesmo o trabalho físico está desarticulado de um mínimo de atividade intelectual¹.

Cabe-nos, então, na condição de educadores/as, nos depararmos com mais uma inquietação: que educadores/as desejamos ser e que sujeitos desejamos formar?

Permitamos que essas perguntas inquietem nossa prática educativa...

¹ Lembre-se de que no capítulo “O que chamamos de práxis?” abordamos esta separação entre trabalho manual e trabalho intelectual nas sociedades capitalistas.



Para aprofundar seus estudos



Se você se interessar em estudar mais sobre os princípios da ação educativa segundo a abordagem de Paulo Freire, sugerimos a leitura dos seguintes livros deste autor:

Conscientização, lançado em 1971, em francês, foi publicado também em português, tendo sido editado em 2016, pela Cortez Editora;

A importância do ato de ler: em três artigos que se completam, das editoras Autores Associados e Cortez Editora, lançado em 1982.

Política e educação – questões de nossa época, da Cortez Editora, de 1993.

Atividade

Agora vamos lá, dê asas à sua imaginação e planeje uma atividade contendo os seguintes passos: público a que se destina; tema da atividade; objetivos que se deseja alcançar; conteúdo; estratégias para desenvolver a atividade (os métodos de ensino); material necessário para desenvolvê-la; formas de avaliação; pessoas responsáveis por desenvolvê-la.



Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Conferência Nacional de Saúde, 8.: *Relatório Final*. 17 a 21 mar. 1986. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019

FREIRE, Paulo. *Política e educação: questões de nossa época*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GANDIN, Danilo. *Planejamento como prática educativa*. São Paulo: Loyola, 1995.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. (Volume 1).

